

27/01/2016 - 05:00

Perdedores revoltados contra as elites

Por **Martin Wolf**

Perdedores também votam. É isso o que significa a democracia - e com toda a razão. Se eles se sentirem trapaceados e humilhados além do limite, vão votar em Donald Trump, candidato à indicação republicana para a disputa presidencial nos Estados Unidos, em Marine Le Pen, da Frente Nacional, na França, ou em Nigel Farage, do Partido da Independência do Reino Unido. Existem aqueles, particularmente entre as classes trabalhadoras nativas, que se deixam seduzir pelo canto de sereia dos políticos que combinam o nativismo da extrema direita, o estatismo da extrema esquerda e o autoritarismo de ambas.

Acima de tudo, eles rejeitam as elites que dominam as vidas culturais e econômicas de seus países: aqueles que se reuniram na semana passada em Davos, no Fórum Econômico Mundial. As possíveis consequências são assustadoras. As elites precisam conseguir respostas inteligentes. Pode já ser tarde demais para que o façam.

Os projetos da elite de direita há muito consistem em impostos baixos, imigração liberal, globalização, restrições aos dispendiosos "programas sociais", mercado de trabalho desregulamentado e maximização do valor dos acionistas. Os projetos da elite de esquerda são imigração liberal (de novo), multiculturalismo, laicismo, diversidade, opção de aborto e igualdade de gênero e racial. Os libertários defendem as causas das elites de ambos os lados; por isso são uma pequena minoria.

Se as elites desprezarem os projetos de tantos, eles retirarão seu consentimento aos projetos da elite. Nos EUA, as elites de direita semearam vento e colhem vendavais. Isso só acontece porque as elites de esquerda perderam a lealdade das classes médias nativas

Ao longo do caminho, as elites descolaram-se das preocupações e lealdades domésticas e formaram em seu lugar uma superelite mundial. Não é difícil ver porque as pessoas comuns, mais notavelmente os homens que nasceram onde moram, sintam-se excluídos. São perdedores, pelo menos, em termos relativos; os ganhos não são compartilhados igualmente com eles. Eles se sentem usados e abusados. Depois da crise financeira e da lenta recuperação dos padrões de vida, eles veem as elites como incompetentes e predatórias. O surpreendente não é que tantos estejam revoltados, mas que tantos não estejam.

Branko Milanovic, que trabalhou no Banco Mundial, mostrou que apenas duas faixas da população, por distribuição de renda mundial, praticamente não tiveram ganhos na renda real entre 1988 e 2008: os 5 percentis mais pobres e aqueles entre o 75º e 90º percentis. Esta segunda fatia inclui a maior parte da população dos países de alta renda.

Da mesma forma, um estudo do Instituto de Política Econômica em Washington mostra que a remuneração dos trabalhadores comuns ficou significativamente para trás em relação ao aumento de produtividade observado a partir de meados dos anos 70. As explicações incluem uma mistura complexa de inovações tecnológicas, comércio exterior liberal, mudanças na governança corporativa e liberalização financeira. O fato, no entanto, é inquestionável. Nos Estados Unidos - mas também, em menor grau, em outros países de alta renda - os frutos do crescimento estão concentrados no topo.

Por fim, a proporção de imigrantes nas populações mundiais aumentou imensamente. É difícil argumentar que isso tenha trazido grandes benefícios sociais, econômicos e culturais à massa da população. É inquestionável, contudo que beneficiou os que estão no topo, incluindo as empresas.

Seria de se pensar que a defesa dos benefícios sociais é muito importante para as classes trabalhadoras nativas, mas a

fatores culturais e raciais vem ganhando importância especial. A "estratégia sulista" de Richard Nixon, ex-presidente americano republicano, cuja meta era atrair o apoio dos brancos sulistas, produziu resultados políticos. A estratégia central da elite de seu partido - explorar o ódio (especialmente masculino) contra mudanças raciais, culturais e de gênero - vem trazendo, entretanto frutos amargos. O foco direcionado à desregulamentação e aos cortes de impostos representa pouco consolo para a base do partido.



Trump, reclamam ideólogos republicanos, não é um conservador de verdade. De fato, essa é justamente a questão. Ele é um populista. Assim como os outros candidatos no topo das pesquisas, ele propõe cortes de impostos insustentáveis. De fato, a ideia de que republicanos se oponham a déficits fiscais parece absurda. Um ponto crucial, porém é que Trump é protecionista em assuntos de comércio exterior e é hostil à imigração. Suas posições funcionam com seus seguidores porque eles entendem ter um ativo valioso: a cidadania. Não a querem compartilhar com um sem-número de forasteiros. O

mesmo vale para os partidários de Le Pen ou Farage.

É preciso que os populistas nativistas não vençam. Já conhecemos essa história: acaba extremamente mal. No caso dos EUA, as consequências teriam grave significado mundial. Os EUA são os fundadores e continuam como fiadores de nossa ordem liberal mundial. O mundo precisa desesperadamente de uma liderança americana bem informada. Trump não é capaz de proporcionar isso. Os resultados seriam catastróficos. Ainda que tal resultado seja evitado neste ano, as elites foram alertadas. Aqueles mais à direita assumem grandes riscos quando cultivam a raiva popular como forma de garantir impostos mais baixos, maior imigração e regulamentação mais fraca. As elites à esquerda também assumem riscos quando são vistas sacrificando, em nome do relativismo cultural e de menores controles de fronteiras, os interesses e valores de uma massa de cidadãos em dificuldade.

Os países ocidentais são democracias. Esses Estados ainda oferecem a base institucional e legal da ordem econômica mundial. Se as elites ocidentais desprezarem as preocupações de tantos, estes tantos vão retirar seu consentimento aos projetos da elite. Nos EUA, as elites de direita semearam vento e agora colhem vendavais. Isso, contudo apenas acontece porque as elites da esquerda perderam a lealdade de grandes faixas das classes médias nativas.

Por último, mas não menos importante, a democracia significa o governo de todos os cidadãos. Se os direitos a residência e, ainda mais, a cidadania não forem protegidos, esse perigoso ressentimento vai aumentar. Na verdade, já aumentou em muitos lugares. **(Tradução de Sabino Ahumada).**

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT